

**Michel Pêcheux e a Análise de Discurso**

---

**Michel Pêcheux et l'Analyse de Discours**

**Eni P. ORLANDI\***

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (Unicamp)

Labeurb/IEL

**RESUMO**

Este artigo fala sobre Michel Pêcheux e as características fundamentais que ele imprimiu à Análise de Discurso. Essas características podem ser concebidas com base na relação entre a Linguística, a Psicanálise e a História sem, no entanto, reduzirem-se a essa relação. Tampouco representam uma generalização dessa relação. Ao contrário, essas características dão à Análise de Discurso um seu objeto próprio.

**PALAVRAS-CHAVE**

Michel Pêcheux. Sujeito. Sentido. Língua. História.

**RÉSUMÉ**

*Cet article parle de Michel Pêcheux et des caractéristiques fondamentales qu'il a donné à l'Analyse de Discours. Ces caractéristiques peuvent être conçues à partir du rapport parmi la Linguistique, la Psychanalyse et l'Histoire sans néanmoins se réduirent à ce rapport. Elles ne sont non plus une généralisation de ce rapport. Au contraire, ces caractéristiques donnent à l'Analyse de Discours un objet qui lui est propre.*

**MOTS-CLÉS**

*Michel Pêcheux. Sujet. Sens. Langue. Histoire.*

---

\* Sobre a autora ver página 13.

Michel Pêcheux nasceu em Tours em 1938 e morreu em Paris em 1983. Ele é o fundador da Escola Francesa de Análise de Discurso que teoriza como a linguagem é materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem. Concebe o discurso como um lugar particular em que esta relação ocorre e, pela análise do funcionamento discursivo, ele objetiva explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação. Estabelece como central a relação entre o simbólico e o político. Ou, como diz Courtine (1982), a Análise de Discurso trabalha com a textualização do político. Com a Análise de Discurso, podemos compreender como as relações de poder são significadas, são simbolizadas. É aí que aparece o que esse autor chama de ilusão política no quadro das preocupações e objetivos da Análise de Discurso. Preocupação presente nas reflexões de Michel Pêcheux.

Eu resumiria esta preocupação dizendo que a Análise de Discurso podia aparecer para alguns como uma prática de leitura de textos políticos que se ampara na montagem de dispositivos lingüísticos, visando superar uma incapacidade localizada, a dos leitores de discursos políticos. Ela funcionaria como uma “prótese lingüística posta a serviço de uma pedagogia da verdade” (COURTINE, 1982). Ela se define assim não apenas como uma aparelhagem teórica, mas como uma política reformista. Trata-se, então, de uma ilusão pedagoga que instaura uma divisão na leitura da verdade entre educadores e educandos. Acompanha-se de uma palavra de ordem reiterada: é preciso ensinar a ler o real sob a superfície opaca, ambígua e plural do texto. O objetivo, que eu diria simplista, seria o de uma conscientização, ou seja, uma “montagem ortopédica” a cargo do mestre-escola e do operário militante. É o que Pêcheux chama de “a imbecilidade dos nativos da política”, e eu chamo de a “imbecilidade dos militantes”. O que

se critica com razão é a redução da Análise de Discurso a uma prática de leitura de textos políticos e o que se propõe é que, para se ir além disso, deve-se praticar a Análise de Discurso como um dispositivo que permite analisar a *textualização do político*, o que já é um passo importante na compreensão da relação entre o simbólico e as relações de poder (e não mais a maquinaria lingüística e os textos políticos). Mas eu tenho procurado ir mais além, trabalhando não só a textualização do político, mas a política da língua que se materializa no corpo do texto, ou seja, na formulação, por gestos de interpretação que tomam sua forma na textualização do discurso.

Voltemos a Michel Pêcheux. Este autor estudou na Escola Normal Superior de Paris e ensinou filosofia a partir de 1963 (ORLANDI, 1998). Em 1966, ele foi para o Laboratório de Psicologia no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) onde vem a encontrar outros dois intelectuais que serão interlocutores fundamentais para a formulação da Análise de Discurso: Michel Plon e Paul Henry. Partindo de referências de G. Canguilhem e L. Althusser, Pêcheux reflete sobre a história da epistemologia e a filosofia do conhecimento empírico. Seu objetivo é transformar a prática das Ciências Sociais. Focalizando o sentido, que é o ponto nodal no qual a Lingüística intersecta a Filosofia e as Ciências Sociais, Pêcheux reorganiza esse campo de conhecimento. Pelo confronto do político com o simbólico, a Análise de Discurso que ele propõe levanta questões para a Lingüística, interrogando-a pela historicidade que ela exclui, e, do mesmo modo, ela interroga as Ciências Sociais questionando a transparência da linguagem sobre a qual elas se sustentam. Por meio desse questionamento à transparência da linguagem no campo das Ciências Sociais, Pêcheux critica o fato de que estas não rompem, ao contrário, estão em continuidade com a ideologia que as funda. Daí pensar a introdução

da linguagem como não transparente, com sua materialidade, na observação do objeto e da prática das Ciências Sociais.

Pêcheux pensa o sentido como sendo regulado no tempo e espaço da prática humana, *de-centralizando* o conceito de subjetividade e limitando a autonomia do objeto lingüístico. Ou seja, crítica ao objetivismo abstrato e ao subjetivismo idealista, a Análise de Discurso não trabalha nem com um sujeito onipotente nem com um sistema totalmente autônomo (a língua é relativamente autônoma). É em relação a essas questões que sua parceria com Paul Henry e Michel Plon será extremamente produtiva.

O discurso é definido por este autor como sendo efeito de sentidos entre locutores, um objeto socio-histórico em que o lingüístico está pressuposto. Ele critica a evidência do sentido e o sujeito intencional que estaria na origem do sentido.

Pêcheux considera a linguagem como um sistema capaz de ambigüidade e define a discursividade como a inserção dos efeitos materiais da língua na história, incluindo a análise do imaginário na relação dos sujeitos com a linguagem.

Dando um novo suporte teórico para a ideologia, seu método é baseado na análise de formas materiais. Pêcheux não separa categoricamente estrutura e acontecimento, relacionando a linguagem a sua exterioridade, ou seja, o interdiscurso. Ele define este como memória discursiva, o já-dito que torna possível todo o dizer. De acordo com este conceito, as pessoas são filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por intermédio da ideologia e do inconsciente. O interdiscurso é articulado ao complexo de formações ideológicas representadas no discurso pelas formações discursivas: algo significa antes, em outro lugar e independentemente. As formações discursivas, por sua vez, são aquilo que o sujeito pode e deve dizer em situação dada

em uma conjuntura dada. O dizer está pois ligado às suas condições de produção. Há um vínculo constitutivo ligando o dizer com a sua exterioridade.

Segundo Michel Pêcheux, as palavras não têm um sentido ligado a sua literalidade, o sentido é sempre uma palavra por outra, ele existe nas relações de metáfora (transferência) acontecendo nas formações discursivas que são seu lugar histórico provisório. De tal maneira que, em conseqüência, toda descrição “está exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 1983, p. 53). Indo mais além, podemos dizer com o autor que todo enunciado, toda seqüência de enunciados é lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. E é nesse espaço que trabalha a Análise de Discurso. A descrição põe em jogo o discurso-outro como espaço virtual de leitura desse enunciado. É nisto que se justifica o termo de disciplina de interpretação dado a Análise de Discurso (cf. PÊCHEUX, 1983, p. 53-55).

A prática de leitura proposta por Pêcheux, que constitui propriamente a Análise de Discurso, expõe o olhar leitor à opacidade (materialidade) do texto, objetivando a compreensão do que o sujeito diz em relação a outros dizeres, ao que ele não diz. Criticando a análise de conteúdo, o psicologismo e o sociologismo, Pêcheux é um herdeiro não subserviente do Marxismo, da Lingüística e da Psicanálise na Análise de Discurso que propõe e que trabalha as relações entre o sujeito, a língua e a história.

Sempre disposto a organizar situações teóricas em que nos confrontamos com misturas de práticas que transportam cada uma sua marca – “a poeira dos arquivos, o giz dos quadros-negros, e o suor dos divãs” – sempre esteve atento

para o fato de que, embora o encontro (entre historiadores, lingüistas e psicanalistas) seja possível, nada nos pode autorizar a considerar, em um certo nível de generalidade, que falamos da “mesma coisa”. Isto porque as circulações discursivas não são jamais aleatórias porque o “não-importa-o quê” não é jamais “não-importa-o quê”. Os efeitos discursivos derivam de uma materialidade específica. Mas chegar-se a articular o verdadeiro a propósito das materialidades discursivas acompanha-se de deslocamentos de fronteiras entre as disciplinas, afetando profundamente seu regime de verdade, enquanto elas (as disciplinas) são provocadas por suas margens, ou em suas margens (PÊCHEUX, 1981).

São estas margens que roçamos o tempo todo quando trabalhamos com discurso. E, como

diz o autor, tocar este triplo real da língua, da história, do inconsciente, sem pressupor uma teoria mais ou menos geral do objeto discurso, isto exige explorar a rede de questões que aí circulam: nossos terrenos de encontro problemáticos. Que questões são estas? Enunciarei duas das questões postas por Pêcheux (1981): de que nos protegemos, ao nos declararmos lingüistas, historiadores ou psicanalistas? De que natureza é a decepção diante de disciplinas que pretendem falar da língua, do texto, do discurso, da fala...? A meu ver nos protegemos (e nos decepçionamos) com duas ordens de coisas: com o resto, com a falta. Ambas as coisas derivam do fato de que há versões, de que a diferença faz sentido na repetição.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COURTINE, J.-J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse de discours. **Langages**, Paris: Larousse, 60, p. 9-127, 1982.

ORLANDI, E. P. **Enciclopédia de pragmática**. Jacob Mey: Elsevier, 1998.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad.: Eni Pulcinelli Orlandi Campinas: Pontes, 1997. Edição original: 1983.

PÊCHEUX, M. Ouverture du colloque. In: CONEIN, B. et al. (Org.). **Materialités discursives**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981. p. 15-18.

*Campinas, maio de 2005.*

## SOBRE A AUTORA

**Eni P. ORLANDI** é doutora em Linguística pela USP. Realizou Pós-Doutorado na Université de Paris VII, U.P. VII, França (1987/1988 e em 1997). Responsável pelo estabelecimento e consolidação da Análise de Discurso no Brasil. Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística da Unicamp. Líder dos grupos de pesquisa *Discurso, Significação e Brasilidade, História das Idéias Lingüísticas do Brasil, Saber Urbano e Linguagem*. Autora de mais de 130 artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, entre os quais *A língua brasileira; O discurso sobre a língua no regime de Getúlio Vargas (Estado Novo 1937/1945); O discurso sobre a língua no regime de Getúlio Vargas (Estado Novo 1937/1945); A escrita da análise do discurso, História das idéias lingüísticas e análise do discurso, Cidade e sentido: a sociedade e os espaços públicos, Le rapport grammair/philologie/linguistique, La ville comme espace poliitique-symbolique. Des paroles désorganisées au récit urbain, O estado, a gramática, a autoria: língua e conhecimento lingüístico, Des mots en liberte; Maio de 1968: nos limites dos sentidos, Os Silêncios da Memória; Sprache, Glaube, Markt: ethik und sprachenpolitik; Gramática, Gramatização e Emergência das Primeiras Gramáticas Brasileiras, La formation d'un espace de production linguistique*. Autora de mais de 25 capítulos de livros, entre os quais *Colonização, globalização, tradução e autoria científica; Polissêmica, Un point c'est tout. Interdiscours, incomplétude, textualisation, Formação de um espaço de produção linguística: a gramática no Brasil; Divulgação científica e efeito-leitor: uma política social urbana, Le rapport: grammair, philosophie, linguistique*. Autora de mais de 30 livros, entre os quais *Cidade dos sentidos: Campinas, Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico, Para uma enciclopédia da cidade, Língua e conhecimento lingüístico, Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos, Cidade atravessada, Análise de discurso: princípios e procedimentos, Discurso e Leitura; Sociedade e linguagem, Interpretação, O Que é Lingüística?; As Formas do Silêncio; Terra à Vista; Vozes em contraste; A linguagem e seu funcionamento*.